

JOSÉ BARBOSA DE SÁ

Paulo Pitaluga Costa e Silva

APRESENTAÇÃO

Sem dúvida José Barbosa de Sá foi o primeiro cronista que relatou, de uma forma muito simples e singela, ainda no século XVIII, a história mato-grossense como um todo. Graças aos trabalhos de sua lavra é que hoje temos bem definida e bem contada uma história regional de Cuiabá e de Mato Grosso, desde os princípios de sua ocupação pioneira, com precisos, abundantes e fidedignos dados. A contemporaneidade de Barbosa de Sá com os primeiros acontecimentos mato-grossenses por ele relatados, dá crédito e indica certamente fidelidade e correção histórica de toda a narrativa apresentada pelo cronista.

Realmente muita coisa ele salvou do ostracismo. Não só fatos, nomes, personagens, datas e acontecimentos importantes, mas a ordenação cronológica de toda essa miscelânea de informações, definiu de modo geral e sintético, a história de Mato Grosso, desde a sua descoberta pelos bandeirantes paulistas até meados do século XVIII. Tal seja, ele se ateu ao período inicial, hoje muito mal documentado, da história mato-grossense.

Graças aos seus trabalhos, à sua preocupação histórica com o passado da terra cuiabana que ele adotou como sua, temos hoje, por exemplo, o texto integral e completo da Ata de Fundação de Cuiabá, lavrada a 8 de abril de 1719. Se é que essa ata realmente foi redigida na data que aponta¹, está claro que ele deve ter visto, manuseado, analisado e copiado o original desse importante documento histórico para os anais dessa cidade, assinado pelos bandeirantes que participaram do ato solene da fundação. Como o provável original ou alguma cópia da época desse documento já não mais existe, hoje Cuiabá só tem notícia de sua precisa fundação, graças ao zelo e à preocupação histórica do cronista.

A rigor Barbosa de Sá deve ter tido acesso a inúmeros outros documentos assinados por Pascoal Moreira Cabral, Fernando Dias Falcão, os irmãos Leme, os Antunes Maciel, outros bandeirantes pioneiros e pelos primeiros administradores coloniais do então arraial e depois Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, e que deixaram os seus respectivos nomes indelevelmente registrados na história cuiabana do século XVIII. O arquivo do guarda-mór e das demais autoridades, com os originais de cartas, ofícios e outros documentos recebidos de São Paulo e da Corte em Lisboa; o livros registro da correspondência recebida e remetida; os livros tomo do Senado

¹ - SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. *Ata de Fundação de Cuiabá - Uma Análise Crítica*. Cuiabá: IHGMT, 1996.

da Câmara, Ouvidoria Provedoria da Fazenda e demais repartições coloniais, nada deve ter escapado à sua observação atenta. O seu nível cultural, certamente elevado para a época, o fez compreender a importância capital de toda essa documentação, a que teve acesso ainda em meados do século XVIII, e o inspirou a transformá-la em preciso relato cronológico das memórias cuiabanas.

Dessa forma, não fosse a sua preocupação com a pesquisa, sua veia inata de historiador procurando registrar as coisas do passado para o conhecimento das gerações futuras, muitas informações importantes por ele transmitidas, teriam fatalmente se perdido na poeira dos séculos². E muitas dessas informações que ele nos legou, foram dados que nenhum outro cronista, historiador ou viajante dos séculos subsequentes, jamais mencionou em seus respectivos trabalhos.

João Antonio Cabral Camelo³, Gervásio Leite Rabelo e D. Antonio Rolim de Moura efetuaram meros relatos de suas viagens para as minas cuiabanas; Joaquim da Costa Siqueira, simplesmente copiou o escrito por Barbosa de Sá até 1775 para compor os Anais do Senado da Câmara de Cuiabá; O Juiz de Fora Diogo de Toledo Lara Ordonhez, sem dúvida o mais erudito personagem em Cuiabá no século XVIII, anotou e corrigiu algumas falhas observadas, às margens desses Anais do Senado da Câmara de Cuiabá; Alexandre Rodrigues Ferreira escreveu quase que tão somente acerca das ciências naturais, não se atendo aos fatos históricos do passado mato-grossense; Antonio Pires da Silva Pontes, Francisco José de Lacerda e Almeida e Ricardo Franco de Almeida Serra, astrônomo, geógrafo e engenheiro, ativeram-se em seus trabalhos, às suas viagens, demarcações de fronteiras e observações astronômicas; Felipe José Nogueira Coelho, ensaiou mais nos aspectos fazendários da Capitania de Mato Grosso. Há que se perceber que esses homens, que tanto contribuíram para o conhecimento fático de Mato Grosso, poucas pesquisas em arquivos eles realizaram com o objetivo precípuo de contar uma história de Mato Grosso; nenhum contestou o alegado por Barbosa de Sá; nenhum relatou acontecimentos importantes nos moldes do primeiro cronista; nenhum inovou com relação aos primeiros fatos mato-grossenses; nenhum teve a sua importância e o seu destaque dentro da nossa historiografia regional.

² - A rigor os arquivos completos da Câmara de Cuiabá só foram perdidos em 1911, em incêndio ocorrido em seu edifício na praça Alencastro, ardendo na chama do descaso das autoridades, importante e preciosa documentação colonial e imperial. Salvaram-se apenas os Anais do Senado da Câmara do Cuiabá, que haviam sido retirados da Câmara pelo historiador Estêvão de Mendonça, para pesquisa e estudo. Esse golpe de sorte, fruto da curiosidade histórica de Estêvão de Mendonça, salvou esse precioso manuscrito do incêndio.

³ - Os autores mencionados nesse parágrafo, têm as suas obras devidamente anotadas no livro de SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. *Estudo Bibliográfico da História, Geografia e Etnologia de Mato Grosso*. Cuiabá: CCS, 1992

Daí poder-se afirmar que a história de Mato Grosso, como um conjunto homogêneo de fatos, datas e personagens, em seu todo seqüencial e cronológico, foi realmente esboçada, organizada e relatada por esse cronista pioneiro. Somente a ele esse mérito.

O HOMEM

Muito pouco se sabe da vida de José Barbosa de Sá. Nenhum historiador realmente aprofundou-se em pesquisas acerca de sua vida e sua obra. A não ser José Barnabé de Mesquita, com um espírito de investigação mais acurado, com a sua paciência de magistrado e, provavelmente, de nossos pesquisadores o maior freqüentador de arquivos e cartórios, conseguiu realmente produzir algo de mais concreto em torno de Barbosa de Sá. Conjeturando em pequeno artigo de duas páginas publicado no seio de seu trabalho *Gente e Coisas de Antanho*⁴, discorreu sobre a vida desse cronista setecentista. Pelos demais historiadores só foi ligeiramente citado, e assim mesmo, como ponto de menção à autoria de sua obra pioneira. Basearam-se em suas precisas crônicas, mas esqueceram-se de discorrer sobre a sua vida.

Robert Southey, em sua *História do Brasil*⁵, foi realmente quem mais citou José Barbosa de Sá, ao relatar a expedição de 1743 pelo rio Guaporé abaixo até a província de Moxos, então terras pertencentes ao reino de Espanha. Southey, com essa abordagem em seu livro escrito em inglês e publicado em Londres em 1822, apesar de nunca ter estado no Brasil e somente ter realizado pesquisas em Portugal, longe dos fatos e dos arquivos brasileiros, realizou um dos mais brilhantes estudos acerca de nossa história. É o seu livro muito importante para a história regional mato-grossense, pelas precisas e seguras colocações que faz dos acontecimentos ocorridos no Mato Grosso setecentista.

Jaime Cortesão, em sua imensa obra *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri*, Parte I - Tomo II, pg. 160, falando das explorações portuguesas pelo rio Guaporé, nos cita também Barbosa de Sá, mas de uma forma nada lisonjeira. Nos analisa que o cronista, na descrição de sua viagem [...] *atribuiu-se um papel singular que não teve [...] e exagerou notavelmente o âmbito e o caráter de sua exploração [...]*⁶.

⁴ - MESQUITA, José Barnabé de. **Joseph Barbosa de Sá**. In: *Gente e Coisas de Antanho*. Cuiabá: Prefeitura Municipal, 1978, p.140/141- (Cadernos Cuiabanos, 4)

⁵ - SOUTHEY, Robert. *History of Brazil*. Londres: Longman & Brown, 1822, (a 1ª e única edição em inglês); SOUTHEY, Robert. *Historia do Brasil*. Rio de Janeiro: Garnier, 1862, 6 v, (a 1ª edição em português). Em 1977, a editora Melhoramentos publicou o livro em questão, em edição de 3 volumes.

⁶ - CORTESÃO, Jaime. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri - 1735-1753*. Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, 1950/2, 9 v.

E nenhum outro historiador de peso, no cenário nacional, ocupou-se de José Barbosa de Sá.

Mesmo em Mato Grosso, tão pouca importância foi dada à sua memória, que o emérito historiador Rubens de Mendonça nem ao menos lhe abriu título nas duas edições de seu livro *Dicionário Biográfico Mato-grossense*⁷. Assim, por falta de pesquisa e interesse histórico maior, a sua vida permaneceu no esquecimento e hoje, passados mais de dois séculos, torna-se realmente muito difícil precisá-la.

Não se sabe ao menos se Barbosa de Sá era português ou brasileiro; como e porque veio parar em Mato Grosso; em que data aqui chegou; se casou-se nesta terra ou aqui já chegou casado; se era de fato bacharel em direito ou simples rábula provisionado.

Nossos historiadores não se aprofundaram realmente nessas questões. Ou por falta de interesse ou por dificuldade na pesquisa. Infelizmente, por isso, José Barbosa de Sá não teve um destaque maior perante a historiografia mato-grossense.

José Honório Rodrigues, em seu monumental trabalho *História da História do Brasil*⁸, ao mencionar os escritos de José Barbosa de Sá, em especial o seu inédito *Diálogos Geográficos* [...]⁹, nos diz que: *Pela dedicatória parece ser realmente brasileiro filho mínimo. Realmente na referida dedicatória, o cronista, textualmente nos menciona: [...] a mais incógnita região da América, obsequiosa oferece por um mínimo filho, essas notícias suas; [...].* Declarando-se expressamente americano, obviamente se infere ser Barbosa de Sá brasileiro, como obviamente concluiu José Honório.

Conjecturas existem e muitas, mas documentação comprobatória que possa responder à essas indagações todas, quase não as há. Sabe-se dele mais pelo pouco que ele mesmo escreveu de si, do que obtido em pesquisas isoladas pelos arquivos e bibliotecas nacionais e estrangeiras, além dos dados extraídos dos autos do inventário de Barbosa de Sá, encontrados por volta de 1924 por José Barnabé de Mesquita em cartório de Cuiabá¹⁰.

⁷ - MENDONÇA, Rubens de. *Dicionário Biográfico Mato-grossense*. São Paulo: Mercúrio, 1953

⁸ - RODRIGUES, José Honório. *História da História do Brasil*. São Paulo: Ed. Nacional, 1979, p.195

⁹ - O Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, recebeu da Biblioteca Pública Municipal da cidade do Porto, Portugal, microfilme do manuscrito original do trabalho de José Barbosa de Sá *Diálogos geográficos, cronológicos, políticos e naturais*, pertencentes ao acervo dessa biblioteca, e que se encontram dentre a documentação particular de Luís Pinto de Souza Coutinho, Capitão General de Mato Grosso.

¹⁰ - **Descrição dos bens do Licenciado José Barbosa de Sá transcrita fielmente do Inventário procedido perante o Juiz de Órfãos de Cuiabá, no ano de 1776.** *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, Cuiabá: tomo XVII-XVIII, 1927, p. 45/47, anotado por José de Mesquita. Há que se ressaltar que os originais desse inventário não se encontram no Arquivo Público do Estado de Mato Grosso, tendo provavelmente desaparecido de cartório onde Mesquita o consultou por volta de 1924.

No Arquivo Público do Estado de Mato Grosso, não se encontra qualquer petição, requerimento, ou algum documento em que nos mostre a sua assinatura. Talvez sua assinatura se encontre nos manuscritos dos *Diálogos Geográficos* ... encontrados no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e no arquivo da Biblioteca Pública Municipal da cidade do Porto. Um dos dois seguramente é o manuscrito original.

O LICENCIADO

Mesquita o dá como bacharel em direito, formado provavelmente pela Universidade de Coimbra. Os professores Carlos e Neuza Rosa nos mencionam em seu trabalho *Do indivíduo ao Grupo - Para uma História do Livro em Cuiabá*¹¹, que não encontraram o seu nome entre os formados em direito por aquela antiga Universidade.

Mas na época era tido e chamado de licenciado. Isso quer dizer que tinha as licenças necessárias para exercer a advocacia. Mas quais as diferenças entre o letrado, o bacharel em Direito, do rábula licenciado? Em se pesquisando as Ordenações Filipinas, código das Leis portuguesas em vigor no século XVIII, nos é definida perfeitamente a situação dos bacharéis e dos licenciados. Senão vejamos.

TÍTULO XLVIII

Mandamos que todos os Letrados que houverem de advogar e procurar em nossos Reinos, tenham oito anos de estudo cursados na Universidade de Coimbra em Direito Canônico, ou Civil, ou em ambos [...]

E os que forem graduados por exame e tiverem tempo de oito anos, poderão procurar nas correições, cidades, vilas e lugares de nossos Reinos e Senhorios, sem para isso terem necessidade de licenças, mostrando aos Julgadores as Cartas de seus graus e certidão autêntica dos cursos. Porém, nas correições e alçadas que mandarmos pelo Reino [...] não poderão procurar sem Licença.

[...]E os que não forem graduados e houverem de procurar nas correições, cidades, vilas e lugares de nossos Reinos, serão examinados pelos Desembargadores do Paço. E sendo para isso aptos, lhe passarão suas cartas de licenças [...].¹²

¹¹ - ROSA, Carlos e ROSA, Neuza. *Do Indivíduo ao Grupo - Para uma história do Livro em Cuiabá*. - Cuiabá: Correio da Imprensa, 1975

¹² - Código Philippino ou Ordenações e Leis do Reino de Portugal, recopiladas por mandado D'El Rey Dom Philippe I. 14ª. edição, Rio de Janeiro: Tip. do Instituto Philomático, 1870p.85/7

Para melhor ilustrar temos o Alvará de 24 de julho de 1713, declarando que *fora da Corte pode ser advogado qualquer pessoa idônea, ainda que não seja formada, tirando Provisão.*¹³

Disso, podemos concluir que, ao bacharel em direito, ao letrado formado em Coimbra, não havia a necessidade de se tirar a Carta de Licença para advogar, nas cidades, vilas e arraiais do Reino, bastando apresentar o seu diploma de grau. Nas Cortes Superiores de Lisboa, havia a necessidade dessa licença mesmo para aos bacharéis. Mas em Cuiabá, simples vila, para um bacharel iniciar a advocacia bastava a apresentação do seu diploma que, dessa forma, estaria automaticamente credenciado para exercer a sua função.

Nos casos dos que não eram bacharéis formados em Coimbra, sendo pessoas idôneas e que quisessem advogar nas cidades, vilas e arraiais, necessitariam o exame perante autoridades judiciais, e em sendo considerados aptos, lhe seriam passadas as licenças através Provisão. Em Cuiabá, os que não fossem bacharéis tinham que se submeter ao exame. Somente em setembro de 1729, o Capitão General de São Paulo, por Provisão, licenciou 3 indivíduos a advogarem junto aos auditórios da Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá. Eram os licenciados Fernando de Souza da Silveira, Antonio Furtado de Vasconcellos e Antonio Barros Pereira. Como não eram bacharéis, não eram letrados, necessitaram das Cartas de Licenças para advogar na vila cuiabana.

Corroborando com essa assertiva, temos o mencionado por Cândido Mendes de Almeida em seus comentários às Ordenações Filipinas:

*A licença para advogar era concedida ao advogado não formado em Direito, leigo, ou formado em Universidades estrangeiras [...]*¹⁴.

Assim, no entender de Cândido Mendes, licenciado não era bacharel.

Isto posto, está claro que José Barbosa de Sá não era bacharel, vez que ele possuía as licenças necessárias para advogar. Se fosse letrado, formado em Coimbra, bastava tão somente a apresentação de seu diploma, e não havia a necessidade da Carta de Licença. Assim, a dedução é óbvia, amparada pelo disposto nas Ordenações do Reino.

Portanto, face ao seu chamamento de licenciado, conclui-se que José Barbosa de Sá nunca tenha sido mesmo bacharel em direito.

EM CUIABÁ

Possivelmente deva ter chegado em Cuiabá em meados do século XVIII. O próprio cronista, segundo mencionado por Virgílio Corrêa Filho em sua *História de*

¹³ - idem, página 87, nota de rodapé n. 1, *caput*.

¹⁴ - idem, página 87, nota de rodapé n. 1, *in fine*.

*Mato Grosso*¹⁵, pg. 285, citando como fonte os *Diálogos Geográficos...*, nos diz que : [...] *em viagem que fiz no ano de 1723 dos Goitacases aqueles sertões* [...]. Isso não significa em absoluto que ele tenha chegado em Cuiabá nesse mencionado ano de 1723, pois não menciona expressamente quais eram esses sertões. Além do mais, o termo por ele usado [...] *aqueles sertões* [...], significa que Barbosa de Sá, escrevendo daqui de Cuiabá em 1769, refere-se obviamente a outros sertões que não essa vila, senão certamente diria "**a estes sertões**". Assim, apreende-se do texto que, os sertões mencionados por ele, não eram os de Cuiabá, e portanto, em data de 1723 ou pouco depois, o cronista não estava morando nessa Vila.

Felipe José Nogueira Coelho, em suas *Memórias Cronológicas da Capitania de Mato Grosso*,¹⁶ nos diz: [...] *Os annaes de José Barbosa de Sá, que foi advogado na villa do Cuyabá, em que residiu quase desde a fundação della* [...], sem contudo precisar a data em que chegou a Mato Grosso.

Outrossim o próprio Barbosa de Sá, em sua obra cronológica, relatando os acontecimentos ocorridos em Cuiabá no ano de 1728, referente à uma custódia de prata na Matriz, que inexplicavelmente se mexia sozinha, nos diz textualmente: [...] *eu com meus olhos a vi e achei-a direita sem propensão alguma* [...]. Com isso conclui-se que, em 1728, ele realmente estaria em Cuiabá e naquele momento do episódio mencionado, ele teria examinado a tal custódia. Por outro lado pode-se inferir também que, em se analisando mais cuidadosamente o parágrafo inteiro onde assim escreve, Barbosa de Sá poderia ter examinado a peça bem como a banqueta em que se apoiava, anos após o fato que expressamente menciona. Assim, sua afirmação com relação à sua presença na matriz, para exame do ocorrido, é bastante dúbia, não se podendo afirmar com certeza se Barbosa de Sá estava ou não em Cuiabá no ano de 1728.

Pelo fato do Capitão General de São Paulo, Antonio Caldeira Pimentel, em 24 e 25 setembro de 1729, através Provisões de sua lavra, ter provisionado 3 licenciados que já vinham desde o ano anterior atuando nos auditórios da Vila de Cuiabá, subentende-se que Barbosa de Sá, nesse ano, não estaria ainda em Cuiabá, senão haveria de ter sido licenciado juntamente com seus três colegas de profissão. Isso era de se esperar, considerando que os três licenciados, mencionados na Provisão, eram as únicas pessoas que exerciam a advocacia naquele ano em Cuiabá.

Há que se ressaltar que, como em 1743 ele foi escolhido pelo Juiz Ordinário Antonio Ferreira, a mando do Ouvidor João Gonçalves Pereira, para fazer parte de uma expedição sigilosa que desceu o rio Guaporé até a Província de Moxos, o que se

¹⁵ - CORRÊA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: INL, 1969

¹⁶ - COELHO, Felipe José Nogueira. *Memórias Cronológicas da Capitania de Mato Grosso, principalmente da Provedoria da Fazenda Real e Intendência do Ouro*. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro: tomo 13, 1850

pode inferir é que, à essa época, o cronista já deveria estar morando em Cuiabá ou nas Minas do Mato Grosso.

Jaime Cortesão em sua obra já citada *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri* enfatiza sobremaneira o caráter sigiloso e confidencial dessa expedição. Assim sendo, é óbvio que o Juiz Ordinário e o Ouvidor escolhessem como membros da expedição somente pessoas que já conhecessem e fossem de sua mais absoluta confiança. Barbosa de Sá, para ter sido escolhido como um dos membros da mesma, deveria gozar da mais completa confiança de ambas as autoridades, e para tanto, para ter conhecido aos dois e ter tido tempo para fazer amizade e obter confiança, o cronista já deveria estar por Mato Grosso algum tempo antes dessa escolha. Assim, ao menos pelos idos de 1740, José Barbosa de Sá já deveria estar por Cuiabá ou no arraial de São Francisco Xavier nas Minas do Mato Grosso.

Mas sendo de todo impossível verificar a data exata da chegada de Barbosa de Sá em Mato Grosso, só se pode mesmo inferir e conjecturar alguma coisa a respeito do tema, a não ser que se encontre documento comprobatório a respeito. Dessa forma, de concreto, apesar da dúvida a respeito de sua própria menção ao ano de 1728, quando examinou a custódia na Matriz cuiabana, e do fato de não ter sido licenciado em 1729 com outros 3 cidadãos, apenas podemos afirmar que o cronista deva ter chegado a Cuiabá em algum ano entre 1724 e 1742.

A CULTURA

Sem dúvida, era homem de certa cultura o licenciado Barbosa de Sá. Apesar de seu estilo meio arrevesado, freqüentemente pecando pela falta de pontuação, o que provoca até mesmo a não compreensão de alguma frase, os seus relatos escritos há mais de dois séculos, e em obediência ao estilo próprio da época e sem preocupações maiores com o primor literário e a qualidade estilística, o identificam e o demonstram um homem voltado para as pesquisas e os livros. Era notadamente alinhado com atividades culturais e preocupado com o registro histórico.

Conhecia o latim, e isso nos foi claramente apresentado na última frase de uma das suas obras, a *Relação das povoações: Futura celari homines Deus voluit, ut timenti sperare liceat*.¹⁷

Nos "*Diálogos geográficos...*", também faz várias e extensas citações nessa língua, transcrevendo até mesmo versos latinos.

¹⁷ - SÁ, José Barbosa de. *Relação das Povoações do Cuiabá e Mato Grosso de seus princípios até os tempos presentes*. Cuiabá: UFMT, 1975, p.55

Todavia, isso é apenas um mero indício. Deve ter estudado esse latim nos liceus portugueses ou brasileiros, pois era obrigatório, à época, o estudo e o aprimoramento dessa língua, não só nos seminários, mas também nas escolas secundárias e nas universidades.

Há que se salientar que, em sua biblioteca particular encontravam-se vários livros em latim, dentre os quais, uma *Bíblia Sagrada*, as *Institutas* de Justiniano, obra jurídica, e uma tal *Duas Oras Latinas*, livro de orações. Por mais comum que fosse o estudo dessa língua nos cursos secundários da época, o fato de se ter uma biblioteca com inúmeros livros em latim, faz induzir que o seu conhecimento nesse idioma era bastante profundo, fruto de estudos mais apurados obtidos certamente, não em só em liceus, mas em universidade ou seminário religioso. Há a hipótese de ter iniciado o seu curso jurídico e não ter conseguido terminá-lo.

Pelo simples fato de ser um licenciado, importa em tê-lo como homem de letras, de cultura elevada, dedicado aos livros e às coisas intelectuais. Um profissional das leis, dos cartórios, dos códigos, da proximidade diária com as coisas da justiça e das tratativas com os juizes e procuradores, realmente deve ter tido uma dedicação profunda com os estudos, com muita atenção aos livros de Direito Canônico, às Ordenações Filipinas e às chamadas Leis Extravagantes. Realmente, mesmo um simples licenciado que fosse, tinha necessariamente que ter uma cultura jurídica razoável, e ainda, um bom latim.

OS ESCRITOS

Deixou reconhecidamente de sua lavra pelo menos dois trabalhos da maior importância histórica, ambos escritos em Cuiabá.

O primeiro trabalho nos legado pelo cronista setecentista foi: *Diálogos geográficos, cronológicos, políticos e naturais, escritos por José Barbosa de Sá nesta Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá em 1769*. Tal trabalho, por descaso de historiadores, de instituições culturais e de administrações públicas, nunca chegou a ser publicado, encontrando-se cópia dos referidos manuscritos, arquivados na biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tal manuscrito é mencionado por José Honório Rodrigues como sendo cópia de um original que se encontra na Biblioteca Municipal do Porto, em Portugal. Ramiz Galvão, em seu *Catálogo da Exposição de História do Brasil*, publicado pelos Anais da Biblioteca Nacional, volume 9, de 1881/1882, relacionou esse trabalho de José Barbosa de Sá sob n.º 11.295, ora arquivado no Instituto Histórico Brasileiro, mencionando-o como sendo uma cópia moderna. O trabalho é totalmente desconhecido em seu conteúdo, face a sua não publicação e a extrema dificuldade em se conseguir cópia do manuscrito junto ao referido Instituto Histórico. Ao que se sabe, somente Virgílio Corrêa Filho teve acesso a esse manuscrito

para estudos e pesquisas. Somente com o recebimento de microfilme pelo Instituto Histórico de Mato Grosso, enviado pela Biblioteca do Porto, é que estudos e análises mais profundas poderão ser feitas ao texto setecentista de Barbosa de Sá. E o importante, no caso, é ser esse o documento original elaborado pelo cronista.

A segunda obra de José Barbosa de Sá é a conhecida *Relaçam das povoaçoens do Cuyabá e Matto Grosso de seos princípios thé os presentes tempos*, trabalho esse terminado em 18 de agosto de 1775, que se tornou a base inicial de toda a historiografia mato-grossense.

Ramiz Galvão, em seu *Catálogo...*, já atrás citado, sob título n.º 5.581, refere-se aos originais desse trabalho de Barbosa de Sá, sem mencioná-lo como autor do mesmo, como sendo *Relaçam do descobrimº das terras e principio das Povoaçõens de Cuyabá e Matto Grosso e do q. n'ellas acontecêo mais memorável athé os presentes tempos (1775)*. Menciona ainda Ramiz Galvão, tratar-se o referido manuscrito de uma cópia do fim do século XVIII ou começo do XIX, com 81 folhas, tamanho "in 4º", sendo expositora a senhora D. Antonia R. de Carvalho. O título mencionado pelo diligente e então diretor da Biblioteca Nacional, deve ter sido o original das crônicas cuiabanas, dado pelo próprio Barbosa de Sá. Se o referido manuscrito não é reconhecido como sendo original do autor, não nos transmitiu Ramiz Galvão os motivos que o levaram a considerá-lo meramente uma cópia antiga.

José Barbosa de Sá, para realizar essa obra, valeu-se de atas, registros, tombos, officios, cartas régia e outros documentos da administração, produzidos tanto em Cuiabá e São Paulo, como no Rio de Janeiro e Lisboa, encontrados por ele arquivados no Senado da Câmara de Cuiabá e outras repartições coloniais dessa vila. O cronista certamente deve ter-se valido ainda da tradição oral e testemunhos pessoais de alguns habitantes, vez que, ao término de sua obra ele estava há pouco mais de cinquenta anos da fundação do primeiro arraial cuiabano. Essa proximidade no tempo com o que relatou, dá uma real importância aos fatos que por ele nos foram transmitidos. É a tônica da fidelidade e da correção histórica inseridas em suas crônicas.

Anos mais tarde, o vereador Joaquim da Costa Siqueira, para elaborar a sua obra *Anais do Senado da Câmara de Cuiabá*, publicada com o nome de *Crônicas do Cuiabá* pelo historiador paulista Antonio de Toledo Piza¹⁸, simplesmente copiou, com algumas modestas e poucas modificações, o que já havia anteriormente sido escrito por Barbosa de Sá até o ano de 1775. Dessa data em diante, Costa Siqueira deu seqüência ao seu trabalho, já então com cronologia de sua própria autoria.

¹⁸ - SIQUEIRA, Joaquim da Costa. *Crônicas do Cuiabá*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, São Paulo: v.4, 1898/9

Há ainda que se salientar que, possivelmente, José Barbosa de Sá possa ter escrito um terceiro trabalho, que na realidade, seria cronologicamente a primeira obra de sua autoria. De acordo com o padre Jean Baptiste Duroure, em seu trabalho *Bibliografia Histórica dos Salesianos em Mato Grosso*¹⁹, o cronista teria elaborado um certo *Relatório sobre as Missões Espanholas no Vale do Guaporé - 1745*. De fato, Barbosa de Sá participou de uma já mencionada expedição a Moxos em 1743, realizada por determinação de Lisboa e mandada executar em Mato Grosso pelo Ouvidor José Gonçalves Pereira. Essa expedição desceu o rio Guaporé até algumas Missões Jesuíticas espanholas instaladas nessa província de Moxos, a fim de efetuar algumas observações estratégicas. Pode ser mesmo que, com a sua preocupação com o registro histórico, Barbosa de Sá houvesse elaborado o dito relatório mencionado pelo padre Duroure em sua bibliografia salesiana. Mas não há nada comprovado.

Pelo menos, em sua *Relação das povoações...*, o cronista ao relatar o ano de 1743 nos informa que [...] *tudo o mais que convinha, fez (ele, Barbosa de Sá) uma fiel relação que entregou ao Juiz, este remeteu ao Ouvidor e este a Sua Majestade*.²⁰

Todavia, em pesquisas bibliográficas que por anos efetuei acerca de temas e obras mato-grossenses, nunca encontrei nenhuma outra menção a esse trabalho de Barbosa de Sá. Pode ser que o padre Duroure tenha feito uma certa confusão, pois na realidade ele deve ter encontrado o trabalho denominado *Informação sobre as Missões dos Moxos, dos Jesuítas espanhóis, mandada tomar por ordem do Ouvidor João Gonçalves, entre os sertanistas ali idos - 20 de setembro de 1743*. Esse trabalho foi integralmente transcrito por Jaime Cortesão em sua obra monumental *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri*, tomo II, parte III, documento n.º IX, p.66. Essa dita informação foi o relatório oficial dos sertanistas que desceram o rio Guaporé em 1743 na expedição citada. Por mencionar em seu bojo o nome do expedicionário José Barbosa de Sá na terceira pessoa, depreende-se ter sido ele meramente um dos informantes, e não o real autor de tal documento. Pelo sistema de perguntas e respostas, o autor das perguntas deva ter sido o Ouvidor Gonçalves, vez que o próprio título nos explica: [...] *mandada tomar por ordem do Ouvidor* [...]. Assim, o Ouvidor ao receber ordens de Lisboa, determinou a organização da expedição e mandou tomar informações da região visitada pela mesma, organizando para isso o questionário que deveria ser respondido. Por outro lado, o elaborador das respostas deva ter sido o Juiz Ordinário Antonio Ferreira, que ia transcrevendo as várias informações que lhe passaram os sertanistas quando do retorno da viagem. Assim analisado, é muito pouco provável tivesse sido Barbosa de Sá o autor dessas ditas *Informações...*

¹⁹ - DUROURE, Jean Baptiste. *Bibliografia Histórica dos Salesianos em Mato Grosso*. In: Anais do 1º Simpósio Estadual de Pesquisa Histórica. Cuiabá: SEC, 1974

²⁰ - SÁ, José Barbosa de. op. cit.

Por outro lado, como o próprio Barbosa de Sá transcreveu em sua *Relação das povoações* ..., que havia realizado uma [...] *fiel relação* [...], que acabou por bater em mãos do rei de Portugal, pode ser que o padre Duroure tenha encontrado esse manuscrito em algum lugar, Torre do Tombo por exemplo, e anotado o seu título para a sua catalogação inserida na bibliografia salesiana. Hipótese, todavia, pouco provável, pois que, esse original, passados os anos, já deveria ter sido publicado, e quando nada, algum pesquisador dado notícias de seu aparecimento. Talvez com base nessa informação bibliográfica, o padre Duroure tenha dado crédito da obra a Barbosa de Sá.

Assim sendo, realmente possa ter havido uma confusão do padre Duroure, vez que a *Informação*... que mencionou, datada de 1745, deve ser as mesmas ditas *Informações*... de 1743, e este trabalho, positivamente, não é de autoria de José Barbosa de Sá.

O CRONISTA ATENTO

Todos os historiadores que se ativeram à fase inicial da história cuiabana e mato-grossense em geral, basearam-se exclusivamente, e até mesmo de uma forma muito dependente, no que nos foi legado pelo licenciado Barbosa de Sá. Ele foi o primeiro mestre, o grande orientador, o que primeiro traçou cronologicamente as diretrizes básicas e seqüenciais de nossa história regional. Nenhum de nossos historiadores, mesmo aqueles de um passado mais ou menos recente como Estêvão de Mendonça, Virgílio Corrêa Filho e ultimamente Rubens de Mendonça, nunca inovaram sobre os dados apresentados pelo primeiro cronista, nem jamais tiveram como contestá-lo. E isso ocorreu, primeiramente, porque lhes faltou documentação histórica precisa, vez que, nos séculos que se passaram, muita coisa se perdeu nos arquivos das várias administrações públicas que se sucederam. Principalmente a documentação histórica inicial, referente aos primeiros anos de Cuiabá e Mato Grosso, que deve estar no arquivo portugueses, já que no Arquivo Público de Mato Grosso, pouquíssimos documentos existem com datas anteriores a 1748. Por outro lado, a proximidade de Barbosa de Sá no tempo, com os fatos por ele próprio relatados, dava legitimidade e autenticidade histórica aos seus escritos, além de um crédito incontestável e responsável.

Somente o contestou Diogo de Toledo Lara Ordonhez²¹, que em fins do século XVIII, às margens do livro original dos *Anais do Senado da Câmara do Cuiabá*²², na parte que Joaquim da Costa Siqueira copiou *ipsis litteris* Barbosa de

²¹ - SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. *Diogo de Toledo Lara Ordonhez - Salvamento de sua Memória e Obra*. Cuiabá: Policromos, 1990

²² - Os originais dos *Anais do Senado da Câmara* pertencentes ao acervo do Arquivo Público do Estado de Mato Grosso, estão há cerca de 28 anos sob custódia da Universidade Federal de Mato Grosso, mediante convênio, no Núcleo de Documentação e Informação de História Regional, NDIHR, para serem analisados, transcritos e publicados. Só que, após quase 3 décadas, nada foi feito pela UFMT.

Sá, anotou alguns poucos erros do cronista. Mas os documentos oficiais, na época de Ordonhez, ainda estavam bem guardados nos arquivos da administração colonial, e esse culto Juiz de Fora de Cuiabá, pode ainda consultá-los e compará-los com o relatado por Barbosa de Sá. Todavia, essas falhas apontadas por Ordonhez, não passam de meros descuidos históricos, que não podem em absolutos ser considerados erros crassos e flagrantes, prejudiciais à autenticidade e correção de nossa história mato-grossense. Em absoluto os erros cometidos por Barbosa de Sá e apontados por Ordonhez, interferem na análise, interpretação e entendimento dos princípios da história de Mato Grosso.

Felipe José Nogueira Coelho, em seu trabalho *Memórias Cronológicas da Capitania de Mato Grosso*²³, também fez alguns reparos, mas essencialmente em quantificações numéricas, como remessas e pesos de ouro e demais dados estatísticos da arrecadação tributária anotados pelo primeiro cronista.

Realmente, analisando com profundidade a sua *Relação...*, só encontramos um erro grave, quando Barbosa de Sá nos dá o ano de 1731 como a descoberta das Minas do Mato Grosso pelos irmãos sertanistas Paes de Barros, quando na realidade, sabe-se que tal fato ocorreu em 1734²⁴. De restante, meras distrações...

Aliás, Barbosa de Sá vangloriava-se de seus estudos e trabalhos, chegando mesmo a demonstrar um ponta de petulância e invulgar cabotinismo, quando textualmente no diz, mencionado por Virgílio Corrêa Filho em sua *História de Mato Grosso*, pg. 285, citando como fonte os *Diálogos Geográficos ...*: [...] *não careço de textos e autoridades para provar o que digo, que para autor, basto eu, e quem o duvidar, mostre o contrário, saia a campo que na palestra estou.*

E parece que, com a honrosa exceção de Diogo Ordonhez, ninguém jamais realmente o contestou, e o seu repto, este seu desafio lançado há mais de duzentos anos continua em pé e em pleno vigor.

FALECIMENTO E HERDEIROS

Barbosa de Sá faleceu em 30 de maio de 1776 em Cuiabá, deixando a mulher Joana Pires de Campos e dois filhos pequenos, José e Joaquim. Talvez pelo sobrenome famoso, a esposa pudesse ser cuiabana de nascimento e parente, se não descendente, do pioneiro das terras mato-grossenses, o bandeirante Antonio Pires de Campos.

Desaparecia com ele o cronista da nossa História primitiva, o narrador fiel e minucioso dos fatos iniciais da nossa vida político-administrativa, aquele a

²³ - Coelho, Felipe José Nogueira. op. cit.

²⁴ - Esse erro talvez possa ser considerado como uma prova de que Barbosa de Sá não estaria em Cuiabá por ocasião da descoberta das Minas do Mato Grosso. Se ele estivesse em Cuiabá em 1734, provavelmente o erro cometido na data não seria tão grande.

quem nós outros, mato-grossenses, bem como os gregos a Heródoto, poderíamos cognominar o Pai de nossa História.²⁵

José Barnabé de Mesquita em seu *Gente e Coisas de Antanho*²⁶ não nos menciona o destino da viúva e seus filhos, tão somente dizendo a respeito deles que, [...] *o primeiro filho de Barbosa de Sá (José) morreu em 1815, deixando viúva e quatro filhos: Antonio, Ana, Joaquim e Francisco*. Esse filho mais velho, José, nasceu por volta de 1769, pois por ocasião do falecimento de seu pai tinha 7 anos e meio, tendo se casado com certa Ana Maria Barbosa e morou por algum tempo rio Cuiabá acima. Continuando, Mesquita nos diz: [...] *quanto ao outro, Joaquim, o encontramos em 1823 como testemunha numa justificação, figurando com 47 anos [...]*.

Em pesquisa cartorial, encontrei Joaquim Barbosa de Sá, funcionando em Cuiabá como Promotor Fiscal e Tesoureiro Geral do Juízo da Provedoria da Fazenda, Defuntos, Ausentes, Capelas e Resíduos, despachando em junho de 1828, nos autos do inventário de Clara Pinto Maria de Jesus, falecida nessa data, com testamento. Um interessante e curto despacho exarado em latim: *Fiat Justitia*.²⁷

E nunca mais se ouviu dizer nem mencionar, por nenhum outro historiador, cronista ou viajante, nem em registros oficiais, o destino de qualquer dos descendentes de José Barbosa de Sá. Mas é factível inferir-se que seus netos, em número de quatro no mínimo, devem ter deixado descendência em Cuiabá. Somente pesquisas genealógicas mais profundas, em registros cartoriais e paroquiais, podem realmente encontrar os seus descendentes e traçar a sua ancestralidade.

Pelos dados contidos no inventário, podemos concluir que, tendo o filho mais velho nascido por volta de 1769, existe muita probabilidade de seu casamento com Joana Pires de Campos ter-se realizado em Cuiabá ainda na década de 60. Assim, ou José Barbosa de Sá casou-se já com certa idade, no mínimo já quarentão, ou a sua união com Joana foi em segundas núpcias. A conclusão é que, tendo chegado a Mato Grosso no máximo em 1742, deve ter se casado em Cuiabá com Joana cerca de 20 anos depois. Mas se chegou em 1723 como nos conclui Virgílio Corrêa Filho, é de todo improvável que, no caso, tenha passado quase 40 anos solteiro, o que invoca, então, a possibilidade do casamento em segundas núpcias com Joana Pires de Campos. É muito difícil, senão impossível, alguma afirmação correta e isenta a respeito.

²⁵ - MESQUITA, José Barnabé de - op. cit.

²⁶ - MESQUITA, José Barnabé de. op. cit.

²⁷ - SILVA, Paulo Pitaluga Costa e Silva. *Clara Peixoto ou Um ensaio histórico-familiar cuiabano*. Cuiabá: IHGMT, 1996, p.124 (Anexo IV - *Autos do Inventário e Testamento de Clara Pinto Maria de Jesus*)

INVENTÁRIO E BENS

Morto Barbosa de Sá foi aberto o seu inventário. José de Mesquita, após mais de 150 anos, encontrou o seu interessante e curioso espólio, perdido e empoeirado nos arquivos de cartório cuiabano.

Nos primeiros atos processuais foi nomeado tutor de seus filhos o sargento da Companhia de Fuzileiros Auxiliares, João Pereira Passos d'Arcos²⁸, por ser seu parente. Todavia consta dos autos que este declinou da referida nomeação. Também não é mencionado nos autos do processo o grau desse parentesco do cronista com esse sargento.

Por instâncias do juiz do feito, o escrivão José de Melo Vasconcelos, segundo Mesquita, informou no processo [...] *não ter a viuva parente algum próximo que pudesse servir o ofício de tutor dos órfãos seus filhos, mas sim Manoel de Freitas Caldas, vizinho da dita viuva, pessoa capaz de bem poder exercer a dita tutoria [...]*.

Diga-se que o inventário de Barbosa de Sá nunca foi terminado. A última assentada tem a data de 12 de março de 1806, e segundo Mesquita, *Nada mais se lê depois desse termo, e os autos aí ficaram conclusos à posteridade ou às traças, que muitas vezes, são uma mesma coisa.*

Dentre os bens deixados pelo cronista, arrolados em seu inventário e transcrito pelas mãos zelosas de José de Mesquita em artigo publicado na revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, sobressaem-se: um escravo de nome Pedro, uma escrava de nome Bernarda, um *crioulo* de nome João e outro de nome Joaquim; como bens móveis possuía 6 mesas, 1 catre, 6 mochos, 1 cadeira, 1 cama, 1 banco e ainda 4 estantes; como bens pessoais, 1 par de óculos, 3 perucas, 1 caixa para guardar perucas, uma tesoura grande, e várias roupas de tafetá; dentre utensílios de cobre achamos: 3 tachos, 1 forno, uma chocolateira, um almofariz, um candeeiro, uma campainha, um galheteiro, um tinteiro e uma balança para pesar ouro; de louças temos: dois pratos rasos, dois pratos da Índia, um galheteiro de vidro, 5 copos de vidro e ainda um bem de certo valor, um espadim de prata.

Como único bem de raiz, deixou Barbosa de Sá uma pequena casa com três cômodos [...] *cobertos de telha, na frente com 2 portas e quatro janelas, e com a sua cozinha e despensa e senzala [...]*, cuja propriedade, o inventariante declarou [...] *estar pendente de um litígio afeto à Relação do Distrito em que é parte o Tesoureiro Geral dos Ausentes desta Comarca [...]*²⁹.

O interessante do seu espólio, é a minuciosa relação das 98 obras, num total de 131 volumes, que compunham a sua biblioteca, mencionando título, muitas vezes o

²⁸ - Esse sargento, mais tarde alferes João Pereira Passos d'Arcos era oficial do Exército Português, nascido em Lisboa.

²⁹ - MESQUITA, José Barnabé de - op. cit.

nome do autor, o tamanho e o valor de cada volume, efetuada pelos avaliadores judiciais nomeados para levantar, arrolar e avaliar os bens por ele deixados.

A base de sua biblioteca eram os livros jurídicos, em número aproximado de 40, seguidos dos de religião e teologia, filosofia e moral, poesia, história e ainda outros com temas variados. Digno de se observar que, em sua biblioteca haviam 2 volumes das *Obras Completas* de Luís de Camões, provável edição de 1759, sendo um desses volumes, Os Lusíadas. Somente o gosto pela leitura desse épico português, nos dá um indício de sua intelectualidade e cultura.

Carlos e Neuza Rosa, em seu trabalho já mencionado *Do individuo ao grupo...*, fazem um apanhado e comentário geral dos livros existentes na referida biblioteca, realmente a única constituída em Cuiabá no século XVIII. Essa biblioteca, em 1º de dezembro de 1776, foi arrematada em hasta pública por 80 réis em ouro por Joaquim da Costa Siqueira e posteriormente, no correr das décadas, totalmente perdida.

Além dessa biblioteca, em Cuiabá nos anos setecentos, somente Diogo de Toledo Lara Ordonhez possuía [...] *os meus livros, que trouxe comigo de Portugal* [...], conforme carta endereçada ao Capitão General Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, de 14 de abril de 1788, encontrada no Arquivo Publico de Mato Grosso³⁰. No entanto não precisou a quantidade de volumes ou mesmo os títulos de algumas obras de sua biblioteca particular. Da biblioteca de Ordonhez sabe-se da existência de pelo menos um livro, a raríssima 1ª edição, de 1711, de *Cultura e Opulência do Brasil* de autoria de André João Antonil³¹. E de pensar que, em Cuiabá, já se possuiu esse livro raríssimo, dos quais existem apenas 5 exemplares no mundo, salvos por milagre da sanha anti-colonial lisboeta ainda no século XVIII.

CONCLUSÃO

Por si só os modestos bens deixados por José Barbosa de Sá e os 131 volumes que compunham a sua biblioteca, nos dizem bastante de seu dono.

Homem de poucos bens materiais, quase pobre, passando talvez mesmo alguma necessidade, levando uma vida simples, modesta, privada de certas comodidades e

³⁰ - SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. *Diogo de Toledo Lara e Ordonhez - Salvamento de sua Memória e Obra*. Cuiabá: Policromos, 1990

³¹ - Ao prefaciar a 2ª edição do livro de André João Antonil, *Cultura e Opulência do Brasil*, em 1837, o editor José Silvestre Rebello assim se manifesta: *O defunto conselheiro Diogo de Toledo Lara e Ordonhez possuía um livro, que estimava tanto, que não o tinha entre os outros na sua estante, mas sim na gaveta pequena de uma cômoda. Pediu-se-lhe muitas vezes, que o desse à Biblioteca, hoje Pública, ao que nunca se pode resolver mesmo dando outros, tanto era a estima em que o tinha [...]. Este raríssimo livro que se reimprime [...].*

confortos mínimos, e talvez mesmo, necessitando trabalhar até os seus últimos momentos para prover honradamente a sua família. Por certo sem grandes aspirações profissionais nem ambições pessoais, como a maioria dos escritores e homens de letras.

Por outro lado, os seus livros davam o seu exato retrato. Um homem erudito, preocupado com as suas leituras e com a sua cultura, dedicado à coisas intelectuais e com as lides forenses, e atento com os registros históricos para a posteridade. Um cidadão que, no seu esforço pessoal, legou a Cuiabá e a Mato Grosso, não só o espólio de sua preciosa biblioteca, mais tarde perdida sabe-se lá como, mas também as suas crônicas e os seus escritos, que o marcaram indelevelmente, pelos séculos que se seguiram, como o primeiro e grande cronista das coisas do passado desta terra mato-grossense. O nosso primeiro historiador.

Pena, realmente uma pena, que o licenciado José Barbosa de Sá, ao relatar com tanta precisão e competência os fatos mato-grossenses do século XVIII, tenha se omitido de dizer um pouco de si próprio, para que, passados mais de duzentos anos de sua morte, pudéssemos saber um pouco mais sobre a sua formação, os seus estudos, sua personalidade, os acontecimentos que o envolveram, a sua família e a sua própria vida, enfim.

BIBLIOGRAFIA

Código Philippino ou Ordenações e Leis do Reino de Portugal, recopiladas por mandado D'El Rey Dom Philippe I. 14ª. edição, Rio de Janeiro: Typographia do Instituto Philomático, 1870.

COELHO, Felipe José Nogueira. *Memórias cronológicas da Capitania de Mato Grosso, principalmente da Provedoria da Fazenda Real e Intendência do Ouro. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro: tomo 13, 1850.

CORRÊA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: INL, 1969

CORTESÃO, Jaime. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid - 1735-1753*. Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, 1950/2, 9 v.

DUROURE, Jean Baptiste. *Bibliografia Histórica dos Salesianos em Mato Grosso*. In: *Anais do 1º Simpósio Estadual de Pesquisa Histórica*. Cuiabá: Secr. de Educação, 1974.

FERREIRA, Antonio. Informação sobre as missões dos Moxos dos Jesuítas espanhóis, mandada tomar pelo Ouvidor João Gonçalves Pereira, entre os sertanistas ali

- idos. In: CORTESÃO, Jaime. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*. Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, Tomo II, Parte III, 1950/2, doc. 9.
- MENDONÇA, Rubens de. *Dicionário Biográfico Mato-grossense*. São Paulo: Mercúrio, 1953.
- MESQUITA, José Barnabé de. Joseph Barbosa de Sá. In: _____. *Gente e Coisas de Antanho*. Cuiabá: Prefeitura Municipal, 1978, p. 140/1, (Cadernos Cuiabanos, 4).
- MESQUITA, José Barnabé de. Descrição dos bens do licenciado José Barbosa de Sá, transcrita fielmente do Inventário de Bens perante o Juiz de Órfãos de Cuiabá no ano de 1776. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, Cuiabá: tomo XVII-XVIII, ano IX, 1927, p.45/7.
- RODRIGUES, José Honório. *História da História do Brasil*. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.
- ROSA, Carlos, ROSA, Neuza. *Do Indivíduo ao Grupo - Para uma história do livro em Cuiabá*. Cuiabá: Correio da Imprensa, 1975.
- SÁ, José Barbosa de. *Relação das povoações do Cuiabá e Mato Grosso de seus princípios até os presentes tempos*. Cuiabá: UFMT, 1975.
- SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. *Ata de Fundação de Cuiabá - Uma análise crítica*. Cuiabá: RIHGMT, 1996.
- SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. *Diogo de Toledo Lara e Ordonhez - Salvamento de sua Memória e Obra*. Cuiabá: Policromos, 1990.
- SIQUEIRA, Joaquim da Costa. Crônicas do Cuiabá. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo: v.4, 1898/9.
- SOUTHEY, Robert. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Garnier, 1862, 6 v.